

EVERYBODY LIES

Ana Márcia Martins da Silva⁴⁹

Meu caro amigo, a vida é infinitamente mais estranha do que qualquer coisa inventada pela mente humana. Nós não deveríamos ter a ousadia de criar coisas que na verdade já são lugar-comum da existência. Se pudéssemos voar por aquela janela de mãos dadas, flutuar sobre esta grande cidade, cuidadosamente remover os telhados e espiar as coisas esquisitas que estão acontecendo, as estranhas coincidências, os planos, os desentendimentos, os maravilhosos encadeamentos de fatos, funcionando através das gerações e levando resultados mais ‘outré’, tudo isso tornaria a ficção, com suas convencionalidades e conclusões previstas, uma coisa banal e inútil.

Arthur Conan Doyle, “Um caso de identidade”.

INTRODUÇÃO

Este trabalho⁵⁰ pretende analisar os tipos de inferência de que se valem três grandes investigadores da ficção narrativa – Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle; Hercule Poirot, de Agatha Christie; e Dr. Gregory House, de David Shore - para resolver seus casos. O que pode haver de comum entre dois detetives e um médico? É por meio da teoria do genial cientista – químico, matemático, físico, astrônomo – Charles Sanders Peirce que procuraremos cotejar as estratégias desses argutos, geniosos e adoráveis personagens⁵¹, que ilustram o desejo humano de ser Deus.

O primeiro capítulo, após considerações gerais sobre inferência, apresentará um apanhado das ideias de Peirce, descrevendo dedução, indução e abdução a partir, especialmente, da ideia de que *O universo está em expansão. Onde mais poderia ele crescer senão na cabeça dos homens?* Será destacada, especialmente, a abdução, que, segundo Peirce, é a única que traz informações novas.

O segundo capítulo trará um resumo das três histórias – *Don’t ever change*,

⁴⁹ Bolsista Pró-bolsa PUCRS. Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. E-mail: anafer@terra.com.br.

⁵⁰ Trabalho apresentado à disciplina Seminário de Semântica, do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, área de concentração Linguística Aplicada, ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Campos.

⁵¹ Preferimos a flexão de masculino para o substantivo “personagens”.

episódio nº 12 da quarta temporada de *House*; *Poirot sempre espera*, de “Poirot sempre espera & outras histórias”; e *Um caso de identidade*, de “Sherlock Holmes em: Um escândalo na Boêmia e outras histórias”. À luz da teoria de Peirce, analisará as inferências de nossos “detetives” e procurará mostrar as afinidades entre eles. Pretendemos responder à pergunta feita no primeiro parágrafo – O que pode haver de comum entre dois detetives e um médico? –, o que será feito por meio de transcrição, e consequente comentário de trechos dos episódios envolvidos.

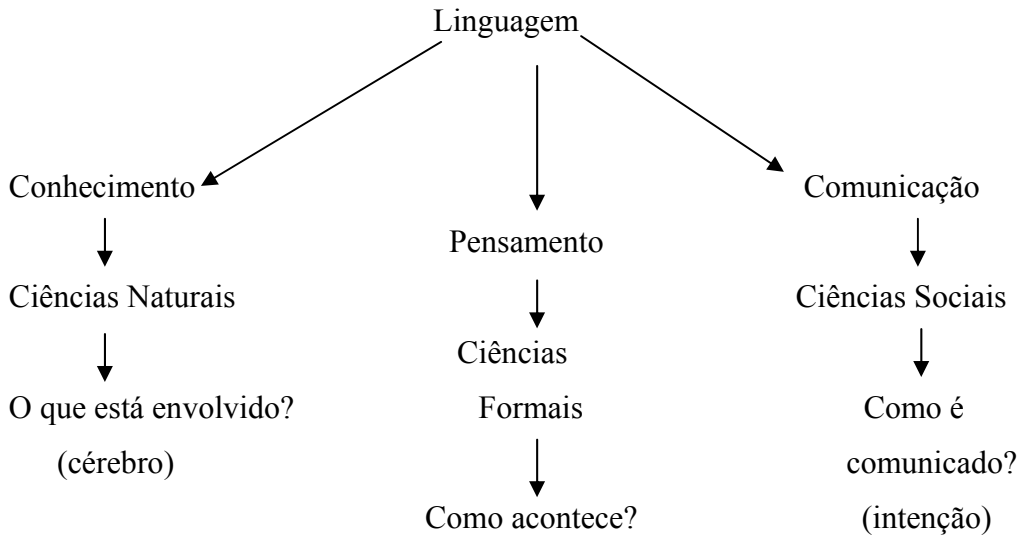
Nas considerações finais, defenderemos a ideia, concordando com Peirce, de que não há, necessariamente, privilégio entre os três tipos de inferência. Uma hipótese abdutiva pode conter ela mesma dedução e indução. Tal ideia será fundamentada a partir dos trechos comentados no capítulo dois.

1 AS INFERÊNCIAS DA NATUREZA LÓGICA

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE INFERÊNCIA

A inferência é um processo em que se parte de premissas para se chegar a conclusões. Como a linguagem pressupõe conhecer, pensar e comunicar, e a inferência é um objeto de interface, parece ser oportuno que aquela seja estudada sob a perspectiva desta.

Figura 1



A figura 1 mostra as áreas da linguagem e as ciências que delas tratam. É nas sociais que se encontra a tomada de decisões e o discurso político, por exemplo, e em que a utilização das inferências é extremamente relevante. Como as pessoas agem? Decidem e depois fazem as inferências, ou o processo é o contrário?

A inferência é a construção que leva em conta a relação das pessoas com a realidade; é um processo de uma estrutura lógico-linguístico-cognitiva em que das premissas chega-se às conclusões assumidas como necessárias.

Assim, aquilo que é dito vai permitir o inferir, ou seja, o tirar de algumas coisas ditas outras que não foram ditas. E o que é inferido é muito maior do que o dito, já que este é quase banal. As pessoas conectam a partir do dito, como se fosse a senha. Segundo Grice, as inferências são garantidas por um tipo de pista; portanto, apenas os significados conectados com o dito são relevantes.

1.2 A LÓGICA DE PEIRCE

Charles Sanders Peirce reunia em um só homem uma variedade de estudiosos; não criou heterônimos, como Fernando Pessoa, já que todos esses estudiosos eram sempre a mesma pessoa: o Peirce cientista, que investigava fenômenos nas áreas da

Química, da Física, da Astronomia, da Biologia, da Geodésia, da Linguística, da Filosofia. Esse leque de investigações tinha, no entanto, apenas uma fonte: a Lógica, que foi sua grande paixão, e foi essa paixão que nos atraiu para sua teoria.

A quase inacreditável diversidade de campos a que se dedicou pode ser explicada, portanto, devido ao fato de que se devotar ao estudo das mais diversas ciências exatas ou naturais, físicas ou psíquicas, era para ele um modo de se dedicar à Lógica. Seu interesse em Lógica era, primeiramente, um interesse na Lógica das ciências. Ora, entender a Lógica das ciências era, em primeiro lugar, entender seus métodos de raciocínio. Os métodos diferem muito de uma ciência a outra e, de tempos em tempos, dentro de uma mesma ciência. Os pontos em comum entre esses métodos só podem ser estabelecidos, desse modo, por um estudioso que conheça as diferenças, e que as conheça através da prática das diferentes ciências. (SANTAELLA, 2008. p. 18)

1.2.1 A necessidade de um método de investigação

Ao fundar sua Semiótica no método científico, propôs que a Filosofia se valesse dos métodos de observação, hipóteses e experimentos praticados nas ciências. Dessa forma, acrescentou à classificação das inferências a *abdução* ou *inferência hipotética*, aquela que buscaria, por meio de uma hipótese, a melhor explicação para um dado fenômeno.

Peirce define a inferência como um ato voluntário que culmina na “adoção controlada de uma crença como consequência de um outro conhecimento” (PEIRCE, 1975, P. 32). O verbo “culminar” indica, então, o final de um processo organizado do pensamento, reafirmando sua posição de que a expansão do universo se dá na mente humana. Isso implica que as inferências não serão, a princípio, definitivas, já que o pensamento está em constante evolução, necessitando delas, portanto, de comprovação.

Cada investigador individual, por mais rigoroso e sistemático que possa ser seu pensamento, é essencialmente falível. Daí Peirce ter batizado sua teoria de Falibilismo. Isso nos dá uma idéia de sua concepção da ciência e da Filosofia como processos que amadurecem gradualmente, produto da mente coletiva que obedecem a leis de desenvolvimento interno, ao mesmo tempo em que respondem a eventos externos (novas idéias, novas experiências, novas observações), e que dependem, inclusive, do modo de vida, lugar e

tempo nos quais o investigador vive. (SANTAELLA, 2008. p. 26)

Assim, se a expansão do universo se dá na mente humana, se o produto que dela resulta obedece a leis de desenvolvimento interno e responde a eventos externos e se esses eventos dependem das condições em que vive o investigador, então a preocupação fenomenológica é a primeira instância de um trabalho filosófico. A Semiótica de Peirce extrai da Fenomenologia todos os seus princípios.

A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a Filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e inatingíveis, organizá-las em disposição ordenada, recolocá-las em processo. (PEIRCE, *apud* SANTAELLA, 2008. p. 33)

Essa organização de que fala Peirce passará pelos três tipos de inferência, quais sejam *dedução*, *indução* e *abdução*. O raciocínio parte de uma hipótese abdutiva e segue dois estágios: dedução e indução.

A lógica tradicional ou silogismo formal concebe a distinção somente entre dedução (*como uma inferência necessária que extrai uma conclusão já contida nas premissas*) e indução (*como uma inferência experimental que não consiste em descobrir ou criar algo de novo, mas, sim, de confirmar uma teoria através da experimentação*). Daí, se a lógica tradicional só distingue dedução e indução, como se dá a criação das premissas e das teorias, como fundamentadoras da dedução e da indução? Será em resposta a essa questão que Charles Sanders Peirce apresentará a **lógica abdutiva** que é uma inferência hipotética (*um lampejo, uma idéia, um ato de insight*) e, **provando que algo pode ser**, é o método que cria **novas hipóteses** explicativas, não contidas nas premissas. (FÉLIX, 2008.)

1.2.2 Os tipos de inferência

1.2.2.1 Dedução

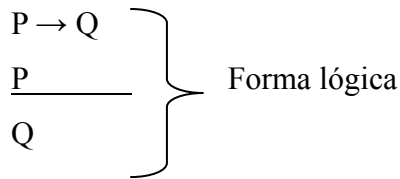
É garantida por regras, que são anteriores a ela. É a avaliação das condições de

possibilidade de validade de um argumento (estrutura lógico-linguística que de premissas verdadeiras se chega a conclusões verdadeiras que dependem dessas premissas). A dedução não aumenta o conhecimento; tudo que está nas premissas está na conclusão. Para provar a invalidade, é preciso testar a dedutibilidade. Envolve a Lógica Proposicional e a Lógica de Predicados.

(1) Se House é um médico, então ele receita medicamentos. P

House é um médico. P

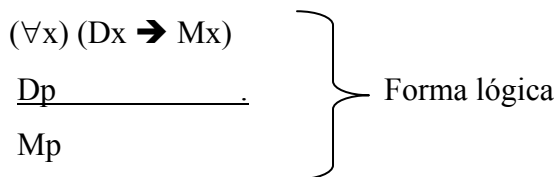
Ele receita medicamentos. Q



(2) Todos os detetives são misteriosos.

Poirot é detetive.

Poirot é misterioso.



1.2.2.2 Indução

Não tem a precisão da dedução. É racional e sustenta as nossas crenças, que podem ser fortes ou fracas. Toma a experiência apenas como passado, ou seja, como um patrimônio limitado que pode ser inventariado e sistematizado de forma absoluta.

(3) Quando lemos Agatha Christie, cremos que será difícil antecipar a descoberta do assassino. → forte

(4) Várias narrativas policiais indicam o mordomo como o assassino, então acreditamos que, na que vamos ler agora, também o será. → fraca

Essas inferências são expectativas probabilísticas (de fortes a fracas) e os

acidentes são uma ameaça a elas. As escalas indutivas associam-se epistemicamente à dúvida: <certo, quase certo, probabilisticamente forte, provável, possível>. A indução utiliza palavras semanticamente preventivas, como “é minha opinião”, “não sei se está certo”. O componente indutivo vale-se da corroboração ou da contestação.

1.2.2.3 *Abdução*

Diferentemente da *dedução* e da *indução*, busca experimentos. Abre-se um trabalho de pesquisa, por exemplo, partindo-se de uma hipótese abdutiva, ou seja, faz-se uma suposição e espera-se a corroboração ou a eliminação dela.

A abdução é o processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma idéia nova, pois a indução nada faz além de determinar um valor, e a dedução meramente desenvolve as conseqüências necessárias de uma hipótese. (PEIRCE, 2000. p. 220)

A hipótese abdutiva é uma forma teórica de explicar uma crença, por isso é considerada a inferência da *melhor explicação*. Segundo Peirce, o poder explicativo de uma hipótese fornece bases para crermos em sua verdade. Quando nos deparamos com situações curiosas, geralmente as explicamos com uma suposição. Partimos do fato de que é um caso particular advindo de uma regra geral, como Peirce exemplifica com o caso dos feijões.

(5) Todos os feijões daquela saca são brancos. Esses feijões são brancos. Logo, esses feijões são daquela saca (abdução).

Assim, assumimos a suposição e buscamos as explicações para confirmá-la ou eliminá-la, seguindo os passos de uma seqüência que nos levará à melhor explicação.

De modo simplificado, o esquema geral dos argumentos abdutivos, tais quais aparecem nas discussões contemporâneas, consiste no enunciado de uma evidência (um fato ou conjunto de fatos), de hipóteses alternativas para explicar tal evidência, e de uma apreciação do valor dessas explicações. A conclusão é a de que a melhor explicação provavelmente é verdadeira se, além de comparativamente superior às demais, for boa em algum sentido absoluto. (CHEBINI, 1996. p. 2)

2 PEOPLE DON'T CHANGE

Neste capítulo, faremos um breve resumo de cada história, apresentando as falas significativas de cada um dos três personagens: Dr. Gregory House, do seriado *House*, do canal por assinatura *Universal Channel*; Hercule Poirot, célebre detetive criado por Agatha Christie; e Sherlock Holmes, o mais famoso detetive inglês, criação de Sir Arthur Conan Doyle. A partir das falas, procederemos à análise das inferências.

2.1 “DON'T EVER CHANGE” – EPISÓDIO NÚMERO 12, DA 4ª TEMPORADA DA SÉRIE *HOUSE*.

Neste episódio, o Dr. House trata uma noiva judia que passou mal durante a festa do casamento. Chegou à emergência com sangramento e sem controle da bexiga. A equipe médica realizou os exames de praxe e não encontrou causa aparente para tais sintomas. A análise da casa de Roz (a noiva) revelou que a paciente levava uma vida desregrada antes do casamento. Era produtora musical de rock, tinha atividade sexual promíscua e consumia drogas.

Várias são as hipóteses levantadas pela equipe, mas House insiste que a paciente apresenta estado mental alterado, porque ela passou da liberdade absoluta para o Hassidismo, o extremo do judaísmo. Segundo ele, as pessoas não mudam simplesmente porque querem mudar. Logo, alguma doença provocou essa alteração. E esta é sua primeira hipótese.

2.1.1 House e seus heterônimos

Embora muitos pensem que o quadro branco de House seja o grande auxiliar nas descobertas do genial médico, quem realmente faz a diferença são seus auxiliares, todos

eles um pouco “House”: Foreman não usa jaleco e pouco se importa se magoa os colegas; “Thirteen” não aceita ser contestada e, muitas vezes, ignora as decisões de House; Taub é cético em relação à humanidade, embora use pele de cordeiro; e, finalmente, Kutner é mulherengo, irônico e costuma zombar de alguns situações referentes ao pacientes.

Podemos dizer, na verdade, que Gregory House dialoga consigo mesmo, usando as vozes da equipe como um eco das hipóteses que ele levanta e descarta com a maior facilidade. Fica mais fácil discordar de outrem do que de si mesmo.

Em *Don't ever change*, “Thirteen” vai contestar a hipótese de que a paciente mudou radicalmente de vida porque teve o cérebro afetado por alguma doença, como porfiria ou lúpus. Ela afirma que não é possível saber se Roz é esta de agora ou a anterior; então, a “epifania” a respeito da vida da paciente não vai determinar a doença que tem nem o tratamento adequado. A médica sugere endometriose.

House, mais uma vez valendo-se de uma hipótese abdutiva, mantém a ideia de suicídio, sugerida por Kutner, a qual Taub, no entanto, contesta, dizendo que “suicídio é pecado”.

(6) *Corolário: pessoas mentem, assim como pessoas pecam.*

Para confirmar que está certo, House cita a tradição judaica, promovendo o que, segundo Peirce, seria uma verificação “positiva” por meio de alargamento da experiência.

(7) *Mulheres hassídicas se casam cedo para poder começar a botar hassidiquinhos no mundo. 38 anos significa uma mulher que não é desejada por ninguém sendo empurrada para um homem que não é desejado por ninguém.*

Essa evidência demonstra que a paciente poderia estar afetada psicologicamente porque só se tornara uma mulher casada aos 38 anos. Ou seja: a hipótese de que pode ser porfiria ou lúpus fica reforçada.

SANTAELLA (*apud* KINOUCI, 2004) traduz a ideia de Peirce sobre o “alargamento da experiência”.

Uma inferência baseada em um número limitado de exemplos pode muito bem estar errada, mas quando a amostragem testada é alargada, a razão começa a se aproximar da verdade [...]. Essa espécie de convergência para a verdade é atingida pelo método de prolongamento da experiência, quer dizer, o método que exige que a ciência nunca deixe de continuar (p. 157).

À medida que *Roz* apresenta novos sintomas, mais hipóteses são levantadas pela equipe e rechaçadas por House. Ele alega que os sintomas, na verdade, não são novos, mas manifestaram-se seis meses antes, quando ela decidiu se converter ao judaísmo. Então, novamente busca a expansão das experiências em direção ao longo termo.

(8) *Religião é um sintoma de crença irracional e esperança sem limite. Por outro lado, estado mental alterado é sinal de porfíria.*

“Crença irracional” e “esperança sem limite” indicam estado mental alterado; fortalecem a crença de que é porfíria. O dr. Kutner – seu heterônimo indiano – havia sugerido que a paciente apenas mudara de vida por não gostar da anterior, ao que House responde com a máxima *People don't change*. Alega que talvez as pessoas queiram, talvez precisem, mas que não mudam simplesmente porque querem. Ou seja: a mudança foi provocada por uma doença.

Observamos até aqui esse constante argumentar por meio de acréscimo de amostragens, o que Peirce entende por estágio indutivo.

Em KESKE (2007), encontramos ressonância dessa ideia.

Em termos abduativos, é justamente essa *associação de idéias gerais* que permitirá a inclusão de *inferências criativas* necessárias a todo método investigativo/interpretativo da descoberta. Inclusive, Peirce entende a abdução justamente como uma “lei da liberdade”, ou *uberdade*, no sentido próprio de uma “fartura” ou “abundância” de idéias a serem livremente associadas, de forma criativa, na obtenção/conclusão/estabelecimento de um determinado resultado. Sua proposta de método investigativo/interpretativo de conhecimento lógico é aquele que dá lugar à *liberdade de raciocínio*, alguma espécie de “lei da criatividade”, que levará em conta fatores/elementos não necessariamente lógicos inseridos no processo de articulação de idéias e, conseqüentemente, de interpretação de um determinado texto.
(p. 4)

Para não nos tornarmos cansativos com essa análise, passemos ao diagnóstico definitivo de House, obtido a partir da observação de que o organismo da paciente apresenta reações contrárias ao seu funcionamento natural. Em (9), temos a constatação/hipótese de House:

(9) *Então, o que causa sangue na urina, falta de controle na bexiga, alteração do estado mental, dor na perna e pressão sanguínea em direção contrária? Infecção significa que algo foi adicionado ao corpo dela, algo que deveria ter sido excretado. Qual é o oposto disso?*

Se o organismo está funcionando ao contrário, precisamos pensar o que seria o contrário/oposto desse funcionamento. A sugestão da equipe foi infecção; a partir disso, nosso médico-detetive concluiu que o oposto dos sintomas da infecção era a doença da paciente. Como, toda vez em que ela levantava, a pressão caía, ele concluiu que algum órgão não estava no lugar, no caso o rim. *Roz* tinha nefroptose, ou rim flutuante, e, quando estava em pé, ele caía um pouco mais e provocava todos os sintomas.

Bem, mas e o “estado mental alterado”? E a “mudança radical” na vida da paciente? A hipótese de House não se confirmou? A equipe o vencera desta vez?

Na verdade, antes da descoberta da doença, a paciente tinha sido encaminhada para uma cirurgia exploratória em busca da origem da hemorragia interna que ela vinha tendo. No entanto, ela se recusava a sofrê-la antes do anoitecer, porque queria passar um shabbat com seu marido. Assim, estava negando o mandamento de preservar vida, ou seja, estava obedecendo apenas a sua vontade, o que significa que ela seguia apenas aqueles mandamentos que lhe interessavam. Isso foi a confirmação para House de que as pessoas não mudam.

2.2 “POIROT SEMPRE ESPERA” – ROMANCE DE 1951, DE AGATHA CHRISTIE

Nesta narrativa, Hercule Poirot é procurado por Lily Margrave, dama de companhia da esposa de um rico empresário assassinado recentemente. Quem a enviara até ele fora a própria viúva, *Lady Astwell*, que não cria na versão de que o assassino de seu marido era o sobrinho dele, Charles Levenson. Pelo contrário, ela tinha certeza de que o culpado era Owen Trefusis, secretário de *Sir Reuben Astwell* há nove anos.

Poirot percebe que Lily Margrave está nervosa e procura incentivá-la a falar, inspirando-lhe confiança, para que possa observá-la mais detidamente. As atitudes da dama de companhia levam-no a crer que ela não gostaria de que ele aceitasse o caso. Ao final da reunião, após mandar avisar *Lady Astwell* de que aceitara o caso, transmite a George, seu criado, as impressões que tivera do encontro.

(10) Uma jovem é um fenômeno interessantíssimo, George (...). Especialmente, compreende, se é inteligente. Pedir para que uma pessoa faça alguma coisa e ao

mesmo tempo predispo-la a não fazê-la... trata-se de uma delicada operação. Exige finura. Ela foi muito sagaz, ah, sim, muito sagaz, mas Hercule Poirot, meu bom George, é dono de uma inteligência um tanto excepcional. (...) Há algum drama por lá, em Mon Repos. Um drama humano, e isso me excita. Ela é sagaz, a espertinha, mas não sagaz o suficiente. Pergunto-me, pergunto-me, o que encontrarei por lá? (p. 89)

Poirot, como House, levantou uma hipótese a partir da observação atenta do comportamento de Lily Margrave. Quando ele disse a ela que realmente era um homem ocupado, ela foi se levantando e dizendo que explicaria a Lady Astwell por que ele não aceitaria o caso. Essa atitude levou-o a reforçar a hipótese de que ela estava envolvida na trama do assassinato.

Na casa, Poirot utiliza-se da mesma estratégia ao entrevistar os demais moradores, ou seja, estimula-os a falar enquanto os observa detalhadamente. O primeiro encontro foi com Lady Astwell. Fez perguntas e observações que pudessem trazer sustentação para sua hipótese sobre a dama de companhia.

(11) Sir Reuben também compartilhava desse sentimento? (p. 95)

(12) Ele assustou a Srta. Margrave? (p. 95)

As perguntas (11) e (12) tinham a intenção de descobrir quem mais, além de Lady Astwell, gostava de Lily Margrave ou convivia com ela. Especialmente a resposta à primeira pergunta reforçou sua crença de que ela tinha algo a esconder, já que Sir Reuben tinha restrições à dama de companhia.

Mais uma vez, temos o encadeamento de experiências que sustentam uma hipótese, bem como a criação de uma nova ideia, qual seja a de que Lily Margrave possa ter alguém como seu aliado na casa. Isso o deixa mais intrigado em relação a ela, fazendo-o elaborar estratégias para desmascará-la. Não significa, no entanto, que ele acredite que ela tenha matado Sir Reuben.

Para esclarecer sua ideia a respeito da “certeza” de Lady Astwell quanto à identidade do assassino, Poirot valeu-se mais uma vez de uma pergunta e de uma afirmação.

(13) Ele estava com Sir Reuben havia muito, então? (p. 92)

(14) Isso é um longo tempo, um tempo deveras longo para permanecer como empregado de um homem. Sim, o sr. Trefusis deve ter conhecido bem o seu empregador. (p. 92)

Sabendo que Owen Trefusis nada herdou de seu patrão, já que esta fora uma das informações de *Lady Astwell*, Poirot escolhe outro caminho para formular uma hipótese sobre a implicação do secretário no crime. O longo tempo de serviço pareceu a ele uma suposição coerente.

KESKE (2007) traz a explicação sobre aquelas associações que nos parecem incoerentes ou impossíveis.

Em outras palavras, também denomina o processo abduativo uma espécie de “doutrina das possibilidades”, uma vez que os diferentes elementos de uma hipótese estão em nossa mente antes mesmo de nos darmos conta disso, e, a partir de combinações desconexas e sem uma ordem preestabelecida, reunimos elementos nunca antes pensados, criando, assim, novas possibilidades combinatórias de elementos ou dados interpretativos. (p. 10)

Quando foi entrevistar Parsons, o mordomo, única testemunha do ocorrido, Poirot não quis ser anunciado; assim, o elemento surpresa mais uma vez o ajudaria. Na noite do crime, Parsons ouvira Charles Leverson discutindo com o tio e o baque surdo de algo caindo. Depois, vira Leverson sair assoviando da sala da Torre (onde estava a vítima) e dirigir-se a seu quarto.

(15) *Mon Dieu. Que emoção o senhor não deve ter experimentado.* (p. 97)

(16) *Então, na opinião dos serviçais, o Sr. Leverson cometeu o crime?* (p. 99)

Poirot procurou extrair dele informações que reforçassem sua hipótese sobre o autor do crime, embora não a tivesse ainda anunciado. Suas perguntas, no entanto, indicam ao leitor que ele (Poirot) já tem um suspeito e que este não é Charles Leverson.

(17) *Ah! Mas essa não é a pergunta que eu faria. Minha pergunta seria, quem tem o melhor temperamento?* (p. 99)

Aqui, Poirot dá uma dica sobre sua hipótese. Ele suspeita de alguém que tem o melhor comportamento, já que esta é a pergunta que ele faria. Se Charles Leverson, como descrito pelo mordomo, era intempestivo e brigara aos gritos com o tio, não era, portanto, de quem o detetive suspeitava.

O que o fazia, no entanto, suspeitar de Owen Treifusis, que era, afinal, quem tinha o melhor comportamento da casa? Apenas a convicção da viúva? Vamos descobrir isso no momento em que ele se avista com Trefusis. Chegou de mansinho na sala da torre, o que lhe permitiu perceber as características físicas e o ar afetado do secretário. Anunciou-se com uma tosse artificial, provocando no jovem uma expressão de

perplexidade. Ao longo da conversa, encorajou Trefusis a fazer declarações sobre os moradores da casa.

(18) *Eu digo, sim, madame, oh, perfeitamente, madame, 'précisément'. Essas palavras não significam nada, mas agradam da mesma maneira. Faço minhas investigações, e embora pareça quase impossível que alguém exceto Monsieur Leverson possa ter cometido o crime, ainda assim, bem, o impossível já aconteceu outras vezes.* (p. 101)

Deu-lhe corda para que falasse de *Lady Astwell* e do patrão. Aquela foi descrita como uma mulher fútil e de temperamento instável; este, como violento e mandão.

(19) *Havia outras pessoas aqui tão sábias quanto o senhor a esse respeito?* (p. 102)

Hercule Poirot conversou com todas as pessoas da casa e a todas inquiriu da mesma forma. Além disso, ouviu o inspetor Miller, de Londres, bem como a dona do hotel de Mon Repos. Descobriu o envolvimento de Lily Margrave com o patrão e a razão pela qual não quisera revelá-lo: inventara suas referências para poder trabalhar na casa e descobrir se *Sir Reuben* enganara o irmão dela anos antes sobre a posse de uma mina de ouro na África. Seu medo da investigação de Poirot estava no fato de que ela vira o patrão morto; estivera, portanto, na sala da torre depois da hora da morte. Se isso fosse descoberto, ela poderia ser implicada no crime.

A fim de confirmar sua hipótese sobre a participação de Owen Trefusis no assassinato, o detetive convocou um amigo para hipnotizar *Lady Astwell*, que permitiu tal estratégia. Era preciso elucidar de onde vinha a certeza da viúva.

(20) *Se eu lhe dissesse, madame, que essa sua intuição está baseada em certos fatos registrados de forma subconsciente, a senhora provavelmente agiria com ceticismo. Desse modo, direi apenas que esse experimento que proponho pode ser de grande importância para o desafortunado jovem Charles Leverson. A senhora terá coragem de recusar?* (p. 137)

Poirot confirma a ideia de que “os elementos de uma hipótese estão em nossa mente antes mesmo de nos darmos conta disso”. BRAGA (2007) cita como exemplo a psicologia freudiana.

Na psicanálise freudiana, a busca de elementos “despercebidos” (que surgem como emanação direta do inconsciente) é essencial para descobrir estruturas profundas da psique do indivíduo – enquanto os

traços mais evidentes da personalidade, sendo conscientes, podem ser “trabalhados” intencionalmente para ajustar-se aos padrões culturais aceitos. Estes últimos indícios seriam pistas para outra questão – a do comportamento cultural expresso pelo indivíduo em sociedade – por exemplo, nas pesquisas de psicologia social. (p. 9)

Assim, Hercule Poirot descobre que Lady Astwell sabia que o secretário era o assassino não por mera intuição, coisa em que ele não acreditava, mas porque vira Owen Trefusis, logo após o jantar, na noite do crime, pegar o corta-papel comprido e afiado como uma faca e também, enquanto discutia com o marido na sala da torre, percebera um vulto por trás das cortinas.

Embora não tivesse usado o corta-papel, e sim um porrete de madeira, fora o secretário, então, que, num assomo de raiva e indignação por anos de humilhação, matara *Sir* Reuben, quando este percebeu que ele (Trefusis) tinha ouvido toda a conversa do casal.

2.3 “UM CASO DE IDENTIDADE” – CONTO DO LIVRO *THE ADVENTURES OF SHERLOCK HOLMES*, DE *SIR* ARTHUR CONAN DOYLE

Uma mulher jovem estava pronta para casar com um homem misterioso, que some na manhã do casamento. O padrasto, muito mais jovem do que a mãe da moça, era contrário ao casamento e não tomou providências em relação ao sumiço do noivo. Revoltada, a jovem foi procurar Holmes.

O genial detetive a vê na calçada e, buscando em sua longa experiência fatos semelhantes, infere que ela sofreu uma desilusão amorosa.

(21) Eu já vi esses sintomas antes. Oscilação na calçada sempre quer dizer ‘affaire du coeur’. Ela quer um conselho, mas não tem certeza se o assunto não é delicado demais para ser contado para alguém. E ainda aqui nós precisamos usar o discernimento. Quando uma mulher foi seriamente enganada por um homem, ela não oscila mais, e o sintoma mais comum é um cordão de campainha arrancado. Aqui, nós podemos concluir que há um assunto de amor envolvido, mas que a senhorita não está brava, e sim perplexa, ou enlutada. Mas aqui vem ela, para resolver nossas dúvidas pessoalmente. (p. 72)

Sherlock Holmes, assim como House e Poirot, utilizou-se da abdução. Sua hipótese inicial foi reforçada pelo toque da campainha e pela hesitação da jovem. Observando-a atentamente, percebeu que era míope – por causa da marca do *pince-nez* – e que era datilógrafa – pela ruga no pulso.

(22) Essa moça é um objeto de estudo interessante. Eu a achei mais interessante que o seu pequeno problema, que, diga-se de passagem, é banal. Você encontrará casos semelhantes, se consultar meu arquivo, em Andover, no ano de 1877. E também houve algo desse tipo em Haia, no ano passado. A idéia é antiga, mas há um ou dois detalhes que são novos para mim. A moça, no entanto, foi muito instrutiva. (p. 81)

A coincidência de o noivo e o padrasto nunca se encontrarem, porque este estava sempre viajando no momento em que aquele aparecia, indicou a Holmes que poderiam ser – noivo e padrasto – a mesma pessoa. O fato de Hosmer Angel, o noivo, não ter endereço residencial e de receber as cartas da jovem no correio, e não no escritório em que trabalhava, reforça a hipótese aventada pelo detetive.

(23) É muito revelador. Há muito tempo que um dos meus axiomas é o de que as pequenas coisas são infinitamente mais importantes. A senhorita consegue lembrar de alguma outra pequena coisa sobre o senhor Hosmer Angel? (p. 77)

Encontramos em BRAGA (2007) mais uma vez a confirmação sobre a importância dos detalhes na “solução do crime”.

Além desse trabalho de busca de pertinência entre as pistas e os objetivos da pesquisa, devemos sublinhar também que os indícios, tipicamente, não remetem *de modo direto* à realidade a ser capturada. É do conjunto de indícios, a serem relacionados pela pesquisa, que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais. (p. 9)

Ao terminar a conversa com a jovem, Sherlock Holmes já tinha quase confirmada sua hipótese de que o padrasto armara a situação para impedir que a moça se casasse com outro e ele (padrasto) perdesse o direito que tinha sobre a herança dela. Holmes sabia também que a mãe fora conivente com o plano. Essa quase-confirmação foi-lhe dada por três comentários em especial: 1) o noivo misterioso tinha pedido à garota que, se ele sofresse qualquer problema e não aparecesse para o casamento, ela deveria esperá-lo para sempre; 2) a mãe dissera a ela que não tocasse mais no assunto

do casamento; e 3) o padrasto não dera a menor importância para o acontecimento. Por essa razão, o detetive disse-lhe que temia que Hosmer Angel não mais aparecesse.

(24) Eu posso investigar o caso para a senhorita e não tenho dúvidas de que chegaremos a um resultado definitivo. Deixe o peso desse caso sobre meus ombros agora e não permita que sua mente se ocupe mais disso. Acima de tudo, tente apagar o senhor Hosmer Angel de sua memória, assim como ele apagou-se de sua vida. (...) Temo que não. (p. 80)

A análise das cartas, cuja assinatura era também à máquina, levou-o à solução do caso e à confirmação de sua hipótese. Confrontou o padrasto com todos esses dados, que fugiu para não ser preso. Holmes deixou-o ir, alegando que não contaria a verdade à jovem.

(25) Se eu contar a ela, não acreditará. Você deve lembrar do velho ditado persa: 'Há perigo para aquele que tira a cria de um tigre, e perigo também para aquele que arranca a ilusão de uma mulher.' Há tanta razão em Hafiz como em Horácio, assim como conhecimento do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas aqui apresentadas procuraram demonstrar a linha de raciocínio de nossos personagens. Foi uma pequena amostra de cada um dos casos, já que analisá-los a fundo demandaria um estudo maior. No entanto, poderíamos ter utilizado apenas uma das hipóteses de nossos detetives que atingiríamos nosso objetivo da mesma forma. Há semelhanças no *modus operandi* de cada um: confirmando a teoria de Peirce, partem todos de hipóteses abduativas, com as quais buscam a explicação para a crença que tem.

Os “feijões” de House, Holmes e Poirot levam-nos em busca da confirmação daquilo que as evidências indicam. Dr. House foi criado “à imagem e semelhança” de Holmes, o que não permite surpresa quanto ao tipo de investigação que ambos empreendem. Poirot é meticuloso como os outros dois e não abre mão dos detalhes que passam despercebidos aos demais, mas que serão fundamentais para resolver o caso.

Isso corresponde também à proposição do detetive Hercule Poirot, personagem

de Agatha Christie, como critério para julgar “soluções” propostas para um crime: a solução deve explicar não apenas as pistas que concorrem para uma interpretação, mas também as que parecem contradizê-la (BRAGA, 2007. p. 9).

As estratégias dos três também indicam que não há, necessariamente, a superioridade de um tipo de inferência sobre outro. É possível encontrar imbricada na abdução, também a dedução. A partir de (8), por exemplo, em 2.1.1, podemos chegar à seguinte proposição:

Se *Roz* é religiosa, então ela é irracional e tem esperança sem limite. P

Roz é religiosa. P

Então ela é irracional e tem esperança sem limite. Q

Perguntamos, na introdução deste trabalho, o que poderia haver de comum entre um médico e dois detetives. Ora, há neles o que há em todos nós: a curiosidade que move o mundo. Porque somos curiosos, fomos supondo e experimentando nossas suposições ao longo da evolução. Eliminamos muitas, confirmamos outras tantas, mas avançamos graças às hipóteses que fazemos e às experiências que buscamos para alargá-las.

O próprio Peirce observa que o raciocínio por abdução é típico de todas as descobertas científicas “revolucionárias”, uma vez que existe a possibilidade de se encontrar uma Lei geral no mínimo curiosa e absolutamente diferente das “comprovações” anteriormente testadas. Ainda devemos levar em consideração, entre tantas outras possibilidades interpretativas, a proposição que questiona o porquê de se relacionar aqueles feijões com o saquinho que está em cima da mesa, uma vez que poderiam ter vindo de uma gaveta, ou, talvez, colocados ali por alguém que depois se retirara (KESKE, 2007. p. 7).

O título do presente trabalho é uma máxima do Dr. House – *Everybody lies*.⁵² -, que é, nada mais nada menos, que uma hipótese abdutiva sobre a espécie humana. E ela é confirmada quando selecionamos algumas das evidências apresentadas nas narrativas analisadas:

- i. Todos mentiram à *Roz*, a noiva judia, quando escureceram o hospital para que ela pensasse que já era shabbat;
- ii. Lily Margrave mentiu quando apresentou falsas referências;

⁵² Todos mentem.

- iii. o padrasto da noiva abandonada mentiu quando disse que viajara à França;
- iv. o padrasto da noiva abandonada mentiu quando inventou Hosmer Angel.

O título do segundo capítulo é também uma máxima do Dr. House e também uma hipótese abdutiva sobre a espécie humana – *People don't change*⁵³. Os “bandidos” e “os mocinhos” de nossas três histórias reforçam essa hipótese: agiram todos do modo esperado.

E, finalmente, resgatando mais uma afirmação da introdução, é o nosso desejo de ser deus que nos faz reforçar a crença de que podemos mudar o mundo. Nossas atitudes só têm alargado essa crença: construímos máquinas maravilhosas, facilitamos a vida do ser humano, mas desmatamos, matamos em massa, fazemos guerras, alimentamos o ódio.

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontrares, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos! (CHAPLIN)

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

CHAPLIN, Charles. O último discurso. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/chaplin1.htm> Acesso em: 23 set. 2008.

CHRISTIE, Agatha. Poirot sempre espera e outras histórias. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

CHIBENI, Silvio Seno. A inferência abdutiva e o realismo científico. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, série 3, 6 (1): 45-73, 1996.

⁵³ As pessoas não mudam.

DOYLE, Arthur Conan. As aventuras de Sherlock Holmes: um escândalo na Boêmia e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FÉLIX, Luciene. Charles Sanders Peirce: a lógica pragmática. Disponível em: <http://lucienefelix.blogspot.com/2008/01/charles-sanders-peirce-lgica-pragmtica.html>

HOUSE. 4th Season. Don't ever change. Universal Channel.

KESKE, Humberto Ivan. Incidentes peirceanos: a lógica do constante jogo das abduções. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho intitulado Cultura e Práticas Significantes – IX Seminário Internacional de Comunicação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – Porto Alegre – outubro de 2007.

KINOUCHI, Renato Rodrigues. Peirce, para bem ou para mal, para além de Descartes. *scientiæ zúdia*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 579-86, 2004.

MARCOS, Soraia Tomich & DIAS, Izabel Cristina. As Espécies de Raciocínio: dedução, indução e abdução. Artigo apresentado na disciplina de Teoria Semiótica: texto e imagem, sob orientação da Prof^a Dr^a Linda Bulik. Marília, 3 de junho de 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Cultrix, Editora Universidade de São Paulo, 1975.

SANTAELLA, Lúcia. *O Que é Semiótica*. Editora Brasiliense, São Paulo, 2008.

LINKS

<http://blog.uc.tv.br/house/category/entrevista/>

<http://www.citsoft.com/holmes3.html>

<http://www.poirot.us/>